



RESENHAS

ARRIGHI, Giovanni.

O longo século XX

Rio de Janeiro, Contraponto;
São Paulo, UNESP, 1996

Michael Hardt

O eterno retorno do capitalismo

O livro de Arrighi é o fruto de uma quinzena de anos de esforços, como testemunham a surpreendente amplitude da pesquisa e sua profundidade. E o mais importante: esses quinze anos nos levam ao coração do projeto, a seu ponto de partida: a crise econômica dos anos 70. Na origem, a obra buscava, com efeito, compreender em que medida a crise da hegemonia e da acumulação americanas nesse período (marcado, entre outras coisas, pelo desatrelamento do dólar com o Gold Standard, em 1971, e pela derrota militar no Vietnã) constituíram uma reviravolta fundamental na história do capitalismo-mundo.

Para melhor discernir essa metamorfose contemporânea, Arrighi considera fundamental uma volta ao passado, que permita situar a crise na história dos longos períodos de ciclos de acumulação capitalista. Seguindo o método de Fernand Braudel, ele elabora um imponente aparato histórico e analítico: os quatro grandes ciclos sistêmicos da acumulação capitalista - quatro longos séculos que situam o

ciclo dos Estados Unidos no prolongamento do ciclo genovês, do ciclo holandês e do ciclo britânico.

Essa perspectiva histórica de ciclos longos pretende demonstrar que tudo retorna ou, antes, que o capitalismo retorna sempre. A crise dos anos 70 não ofereceria, portanto, nada de novo. O que está se produzindo no sistema capitalista, dirigido hoje pelos Estados Unidos, já aconteceu com o sistema britânico há um século, com o ciclo batavo antes dele e, ainda mais cedo, com os genoveses. A crise que sempre constitui o ponto de declive de cada ciclo de acumulação, traduz a passagem de uma primeira fase de expansão material (os investimentos produtivos) a uma segunda fase de expansão financeira (da qual também faz parte a especulação). Essa transformação em crescimento financeiro que, segundo Arrighi, caracterizou a economia americana desde o começo dos anos 80, corresponde sempre a um outono: ela anuncia o fim de um ciclo. E marca, ao mesmo tempo, o fim da hegemonia americana sobre o sistema-mundo do capitalismo, pois o término de cada um dos ciclos longos indica sempre uma mudança geográfica do epicentro dos processos sistemáticos de acumulação do capital. "Mutações desse tipo produziram-se em todas as crises e fases de expansão financeira que balizaram a transição de um sistema cíclico de acumulação para um outro" (p. 332). Arrighi considera

subordinado à hegemonia de um poder nacional e, portanto, a submeter as instituições ou órgãos transnacionais ou supra nacionais ao governo soberano da nação hegemônica. Entretanto, a emergência de um governo mundial constitui algo de bastante novo e imponente. Atendo-se ao argumento cíclico de Arrighi é, todavia, impossível reconhecer no declínio do poder dos Estados-nações e no aparecimento de instituições globais um prenúncio da formação de um novo tipo de soberania, a soberania imperial, que poderia corresponder ao governo do mundo, do mercado realizado e de um capitalismo realmente global.

No plano produtivo, a passagem geral de uma expansão material a uma expansão financeira, que constitui o ponto nodal da análise de Arrighi, impede que se perceba a importância das novas formas de trabalho e de produção que vêm surgindo atualmente. A digitalização e a informatização da produção, a organização desta última em redes, o papel crescente da comunicação e dos componentes culturais na produção não indicariam, de maneira convergente, que o crescimento material não declinou depois dos anos 70, mas antes que se deslocou para outro nível? O crescimento do trabalho imaterial, dessas tarefas de análise e de produção de símbolos, nas quais alguém como Robert Reich reconhece o setor dominante da economia global, não indicaria uma nova expansão da produção? Nesse caso, o ciclo de Arrighi não seguiria o curso que manteve outrora. Nós não estaríamos em uma fase de expansão financeira, mas outra vez em uma fase de expansão material ou melhor, de expansão imaterial. Essa outra perspectiva de pesquisa parece prejudicada pela insistência de Arrighi no retorno às estruturas passadas do ciclo.

Finalmente, o caráter cíclico da análise mascara o mecanismo do processo de crise e reestruturação. Embora Arrighi tenha abordado amplamente a questão das condições de vida das classes trabalhadoras e os movimentos sociais em todo o planeta, seu livro, carregado pelo peso de seu aparato histórico, parece apresentar a crise dos anos 70 apenas como contrapartida objetiva do movimento inevitável e autônomo dos ciclos de acumulação do capital, e não como resultado de uma ofensiva proletária e anti-capitalista tanto no interior dos países dominantes (da Europa aos Estados Unidos e ao Japão), quanto na periferia (do Vietnã a Cuba e à África). A acumulação dessas lutas desempenhou um papel motor na crise e contribuiu para determinar o quadro da reestruturação capitalista. Porém, mais importante que qualquer debate histórico sobre a crise dos anos 70 são as possibilidades atuais de ruptura. É preciso que localizemos os pontos de possível ruptura nas redes transnacionais de produção, nos circuitos do mercado mundial e nas estruturas globais do comando capitalista, para avançar em direção a um futuro que não se limite simplesmente a repetir os ciclos passados do capitalismo.

■.....Michael Hardt é professor de literatura da Duke University (North Carolina, EUA).